



Estabilidade no futuro motiva escolhas dos portugueses

Empresas portuguesas como EDP e Sonae são as preferidas.

PEDRO QUEDAS

pedro.quedas@economico.pt

EDP e Sonae são as empresas onde os licenciados portugueses mais gostariam de trabalhar, de acordo com os resultados do 'trends Graduate Barometer'. A EDP, que ocupava o 3º lugar do 'ranking' de engenharia em 2009, ultrapassou a Microsoft e a Google e chegou ao topo, enquanto a Sonae se manteve como a primeira escolha de economistas e gestores pelo segundo ano consecutivo.

"Após analisar o 'ranking' dos 'top' empregadores dos estudantes de engenharia de Portugal, pudemos observar claramente alguns factos. Entre eles está o da preferência por trabalhar para empresas que lhes dêem segurança, tais como EDP, PT ou Águas de Portugal e todas elas têm em comum o facto de contarem com a tutela do Estado. Especialmente em tempos de crise, há uma necessidade de estabilidade e segurança. Por isso, estas empresas e grandes do sector privado são a melhor garantia de manter o emprego em tempos difíceis", explica Mariana Rajic, consultora da trendence.

Uma opinião partilhada pelo director de 'costumer relations' da empresa de consultoria responsável pelo estudo, Oliver Viel. "Muitas das empresas locais de maior sucesso ou trabalham com bens essenciais como energia, água e comida, ou são bancos. Isto indica que os licenciados estão à procura de segurança profissional", defende.

Esta predominância da banca nas escolhas dos nossos estudantes é maior na área de economia e gestão, onde se podem encontrar no 'top' 10 das preferências quatro empresas deste sector: Caixa Geral de Depósitos, Banco de Portugal, Millennium BCP e Grupo Espírito Santo (BES). O BES regista, aliás, a maior subida em todos os 'rankings' em relação aos resultados de 2009, saltando 24 lugares para a 10ª posição.

É de destacar também a força de algumas empresas que se apresentam em força tanto nas escolhas dos nossos futuros economistas e gestores como dos engenheiros. Empresas como a norte-americana Microsoft ou as portuguesas EDP, PT ou Sonae.

ESTUDANTES DE OLHOS POSTOS NO SECTOR DA INFORMÁTICA

Quando olhamos para os 'rankings' europeus, um nome salta especialmente à vista em relação a todos os outros: Google. Em primeiro nas preferências dos engenheiros europeus, a empresa norte-americana aparece em segundo lugar no 'ranking' dos economistas e gestores, registando uma subida de quatro lugares desde 2009. Mesmo nas tabelas portuguesas, onde as primeiras posições tendem a ser ocupadas por empresas locais, a multinacional de informática ocupa lugares no 'top' 5. Com o seu historial recente de contínuo sucesso e uma reconhecida aposta no equilíbrio entre o tra-



João Paulo Dias

O Google salta à vista neste estudo tanto a nível europeu como em Portugal pelos lugares cimeiros que ocupa.

"As empresas públicas, participadas pelo o Estado e as grandes empresas privadas são a melhor garantia de manter o emprego em tempos difíceis", explica Mariana Rajic, consultora da trendence.

balho e a vida pessoal, o pequeno projecto que começou como um simples motor de busca 'online', criado por Larry Page e Sergey Brin em 1998, tornou-se numa gigantesca locomotiva na qual todos parecem querer entrar.

Outra empresa que tem vindo a assumir uma presença cada vez maior no continente europeu é a Apple, outro nome global predominante na área da informática. Uma ascensão que os peritos da trendence consideram um pouco invulgar. "É muito raro observar esta forte relação que a empresa tem entre a sua marca como produto e a sua 'marca empregadora'. Especialmente levando em consideração que a Apple é uma empresa com muito pouca exposição pública, no que se refere à empresa em si, não ao produto que ela oferece", aponta Mariana Rajic. ■

QUATRO PERGUNTAS A ...



OLIVER VIEL

Director de "costumer relations" da trendence

Alunos portugueses impressionam-se menos com multinacionais

O topo dos 'rankings' das empresas favoritas dos estudantes portugueses estão dominados por empresas locais, empresas que lidam essencialmente com bens essenciais, um indicativo de que procuram estabilidade na sua carreira. Para Oliver Viel, o director de "costumer relations" da trendence, os portugueses tendem também a separar a má conjuntura económica da qualidade do ensino superior.

Que tendências se podem encontrar quando olhamos para as empresas preferidas dos estudantes portugueses?

Olhando para os 'rankings' portugueses, tanto em economia e gestão como em engenharia, destaca-se o facto de muitas empresas locais aparecerem nos lugares mais altos. Os licenciados portugueses não parecem estar tão impressionados com as multinacionais como outros países europeus. A segunda coisa que me passou pela cabeça é que muitas das empresas locais de maior sucesso ou trabalham com bens essenciais como energia, água e comida, ou são bancos. Isto indica que os licenciados portugueses procuram, acima de tudo, segurança profissional.

Os estudantes portugueses parecem estar preocupados com a sua carreira futura, mas satisfeitos com a preparação que tiveram na universidade.

Este é, de facto, um dado muito interessante. Noutros países europeus, como a Grécia, as pessoas tendem a estar preocupadas com a economia e com a qualidade das universidades. Em Portugal a insatisfação com a economia mantém-se, mas não a crítica ao trabalho das universidades. Presumo que haja aqui uma tendência para gostar do professor e culpar o político.

Os alunos tendem a ter expectativas realistas quanto aos seus futuros salários?

Sim, na grande maioria dos casos, embora se continuem a notar, obviamente, muitos "erros de principiante" por parte dos novos profissionais. É impressionante notar, na verdade, que Portugal, Itália e Espanha apresentam as expectativas salariais mais baixas da Europa Ocidental.

Comparativamente com os anos anteriores, os estudantes mostram-se mais dispostos a trabalhar no estrangeiro?

Gostava de poder ver ainda mais desta tendência, embora se sinta um certo desenvolvimento da 'internacionalidade' nos estudantes. O processo de Bolonha ajudou especialmente nesta matéria. Por outro lado, na maioria dos países, os hábitos dos jovens são difíceis de mudar. O número de estudantes dispostos a trabalhar no estrangeiro está a crescer muito lentamente nos Estados Unidos. ■